

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

SILVIA CAROLINE DOS SANTOS

**ANÁLISE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO EM SÉRIES
INICIAIS**

GOIÂNIA

2016

SILVIA CAROLINE DOS SANTOS

**ANÁLISE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO EM SÉRIES
INICIAIS**

Artigo apresentado à Faculdade de Letras, como trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Licenciatura em Português, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador: Prof. Dr. Israel Elias Trindade

GOIÂNIA

2016

BANCA DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Israel Elias Trindade – FL/UFG (orientador)
Presidente

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido – FL/UFG
Leitora crítica

GOIÂNIA
2016

RESUMO: O objetivo deste estudo é fazer uma breve análise de seis métodos de alfabetização que são respectivamente o fônico, o silábico, a palavrção, o psicolinguístico, a ficha de leitura\cartilha, com o objetivo de refletir sobre a aplicabilidade deles. O estudo parte de dados estatísticos que comprovam que os índices de analfabetismo no Brasil são elevados e, como se sabe, tal realidade tem reflexos na escola. Nosso objetivo, de forma ampla, é o de contribuir na formação de professores do ensino básico, para que, futuramente, possam refletir e aperfeiçoar o trabalho com alfabetização das crianças. Por tratar de processos de alfabetização, o letramento também torna-se objeto de análise deste estudo, pois consideramos que alfabetização e letramento devem estar intimamente associados. Quanto aos procedimentos metodológicos, esse estudo se caracteriza como bibliográfico e de caso. Foram analisados estudos que embasam os seis métodos em questão, mas também foram consideradas as experiências de trabalho, durante atividades supervisionadas de estágio da Faculdade de Letras, nas escolas de Goiânia e de Aparecida de Goiânia, com crianças de diversas faixas etárias. Nossa proposta não é esgotar o tema, pois sabemos que ainda há muito o que ser discutido, mas apenas ampliar o debate em torno do tema alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino. Métodos de alfabetização. Analfabetismo.

Sumário:

Introdução	p.6
Justificativa	p.6
Referencial teórico.....	p.8
A realidade do analfabetismo brasileiro a partir de dados do IBGE.....	p.8
Metodologia	p.9
Práticas docentes na alfabetização.....	p.10
Análise dos métodos.....	p.10
Método Fônico.....	p.11
Método Silábico.....	p.12
Método cartilha\ficha de leitura.....	p.13
Método palavração.....	p.14
Método psicolinguístico.....	p.14
Quadro para melhor compreensão dos métodos.....	p.15
Uma reflexão sobre a aplicabilidade dos métodos.....	p.15
Considerações finais.....	p.17
Referências.....	p.19

Introdução

Apresenta-se, neste artigo, um estudo sobre os métodos de alfabetização, por meio da análise de seis métodos de alfabetização que existem no Brasil: os métodos fônico, silábico, cartilha/ficha de leitura, palavração e método psicolinguístico, a partir de uma pesquisa bibliográfica, pretende-se apresentar algo que contribua de alguma forma para a sociedade.

As experiências pessoais da pesquisadora foram consideradas neste artigo, o que também levou a motivação para a escolha do tema que será abordado, que, como se sabe, não se restringe a experiências particulares, mas sim a uma esfera nacional brasileira, bem como mostraremos a partir dos dados referentes aos índices de alfabetização e letramento retirados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Este artigo está subdividido em 15 tópicos, nas seguintes seções serão encontrados, respectivamente, a justificativa, o referencial teórico, a metodologia, as práticas docentes na alfabetização, a análise dos métodos, a tabela, a reflexão sobre os métodos, as considerações finais e, por último as referências.

Na justificativa está a relevância, a utilidade e a motivação da escolha do tema do artigo que é os métodos de alfabetização. No referencial teórico mostramos o que já há publicado sobre o assunto e o porquê de voltarmos a falar novamente sobre este tema. A metodologia é como realizamos a pesquisa, o que utilizamos no estudo. No tópico práticas docentes que é bem breve, tecemos um curto comentário sobre a experiência da autora na docência como professora na alfabetização. Na seção de reflexão sobre os métodos faz-se um apanhado do que foi dito, uma espécie de conclusão de tudo o que foi considerado em todo o artigo. E por último estão as considerações finais que são os últimos comentários sobre as contribuições que se espera que o artigo deixe para os futuros leitores.

Justificativa

A partir de experiências com alunos com extrema dificuldade em leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental I, mais especificamente no primeiro ano (Agrupamento de seis anos), surgiu o interesse de entender o porquê de tantas crianças, tanto na rede pública quanto na privada, estarem sendo “privadas” e prejudicadas no que

diz respeito à alfabetização, por diversos fatores que vão desde as etapas más conclusivas da escolarização até a evasão escolar que como veremos neste artigo se dá por diversos fatores, dentre os quais, a maneira equivocada como é tratado o “erro” dentro de um contexto escolar. A autora do artigo teve experiências no ensino de alfabetização tanto na rede pública quanto na particular. O que ocorreu nessa experiência foi que, desde o ano de 2011 até atualmente, a autora trabalha com crianças de diversos contextos familiares, financeiros e escolares que demonstraram, já no início da alfabetização escolar, problemas de aprendizagem e extrema dificuldade em ler e escrever. Esta experiência resultou em uma inquietação da minha parte, porque todos os semestres vinham cada vez mais alunos com esse tipo de dificuldade. Especificamente no ano de 2012, a autora teve 15 alunos que não conseguiam ler com a professora regente e foram para as aulas específicas comigo. Esse contexto era de escola privada. No início do semestre de 2015, a autora trabalhou como voluntária em um projeto de alcance social denominado “Crisálida”, onde o mesmo problema que encontrava na iniciativa privada, também persistia com os alunos carentes e que estudavam em escola pública. Mas neste caso o problema se agravava, pois haviam alunos de várias faixas etárias que não sabiam ler nem escrever, alunos de sete, oito, nove anos apresentavam conhecimento insuficiente e precário de leitura.

Foi nesse contexto, então, que surgiu a necessidade e demanda que é real em muitas escolas, como comprovado na experiência da autora. Essa é, então, uma das motivações que me levaram a escolha desse tema, pois, além da necessidade de sanar o problema no contexto da autora, todo esse quadro não se restringe a apenas uma experiência particular, mas sim um problema sistêmico.

Esse estudo propõe-se então a se verificar seis métodos brasileiros de ensino de alfabetização, pois isso pode ser um indicativo de elaboração de políticas públicas que proporcionem a melhoria da educação e do desempenho do aluno. Analisaremos a relevância e a metodologia de cada um deles e qual contexto propiciou seu surgimento. Vamos analisar desde antes das cartilhas, até os métodos tidos como os mais “avançados” como o psicolinguístico, método este que não teve sua origem no Brasil (origem dos Estados Unidos) afinal, o que houve dentro das escolas foi uma adaptação para a realidade brasileira.

Referencial teórico

Existem bastantes publicações sobre o tema “Alfabetização” no Brasil. O material publicado pela autora RIZZO (1986) é de extrema importância para os estudos sobre as metodologias de alfabetização. A autora propõe um estudo comparativo de cada método ordenando-os em sequência e distinguindo cada método de acordo com as vantagens e desvantagens da aplicabilidade de cada um. Outro estudo publicado é o material sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que está disponível na internet. Nesse material também está disponível a proposta base das etapas da escolarização e da criança e como ela deve ter conhecimentos nas séries adequadas. Delimitaremos, nesta seara, como nosso objeto de estudo, os métodos, matérias publicadas tanto virtualmente, quanto impressos.

Alguns teóricos fazem crítica a “mera” discussão dos métodos que, segundo eles, não é relevante. Isso quer dizer que não há a necessidade de competição entre os métodos, pois cada um deles tem sua contribuição.

Este estudo se distingue de outros já existentes por não propor a supremacia de um método sobre os outros.

A realidade do analfabetismo brasileiro a partir de dados do IBGE

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil existem 13 milhões de pessoas acima de 15 anos que são analfabetas, isso corresponde a 8,7% da população brasileira. Buscando na etimologia da palavra “analfabeto” é quem está na condição privada do alfabeto, ou seja, aquele que não sabe ler e escrever (SOARES, Magda. 2006). Esses dados são atuais, pesquisados pelo IBGE em 2015. Quando os índices apontam para o letramento, são ainda piores. Entendemos que o objetivo final do letramento é a compreensão textual. Isso quer dizer que o indivíduo que é alfabetizado, porém não é letrado é incapaz de entender as produções de sentido do texto e conseqüentemente não compreenderá o texto. Denomina-se popularmente esse tipo de acontecimento o nível de letramento é bastante precário de analfabetismo funcional.

Quando os dados no Brasil apontam para as pessoas que são analfabetas funcionais, eles ao mesmo tempo mostram uma realidade bastante recorrente nas escolas e também no dia a dia de muitas pessoas. A pessoa que possuem baixo nível de

letramento, conseqüentemente também não conseguem fazer interpretações textuais. Isto significa que o famoso dito popular “li e não entendi nada” de fato se concretiza.

Voltando aos índices do IBGE, quando apontam para o analfabetismo funcional os dados sobem para 27% da população adulta brasileira, que corresponde a quem possui baixo nível de letramento. Isso aponta para graves problemas não só educacionais, mas de níveis sistêmicos pelo fato de ocorrerem com muitas pessoas e em grande quantidade. Essa mesma pesquisa, quando diz respeito a dados de menores proporções para um pequeno município do estado do Piauí (Alagoinha do Piauí) são ainda mais alarmantes, também porque os professores não se sentem estimulados a fazerem um bom trabalho pelo fato de serem mal remunerados recebendo apenas 400,00 reais por mês.

Esses dados nos fazem novamente voltar à questão de problematizar o objeto de estudo deste artigo, visto que, todos esses dados atuais nos mostram que a realidade das escolas e dos estudantes brasileiros está precária. E percebemos que o problema da má alfabetização desencadeia-se desde as séries iniciais, isto é, desde a alfabetização infantil.

Existe uma diferença entre o sujeito 100% analfabeto, e o analfabeto funcional que neste estudo chamamos de indivíduo que não possui condições básicas de letramento.

Metodologia

Há artigos publicados na internet sobre os métodos de alfabetização. Alguns teóricos distinguem os métodos entre analíticos e sintéticos. Tais métodos se preocupam com som da sílaba ou da letra. Analisaremos neste artigo, os métodos fônico, silábico, cartilha/ficha de leitura, palavração e método psicolinguístico.

Para realizar esse estudo fizemos uma pesquisa em duas etapas. A primeira é a parte prática docente, em que a autora do artigo foi professora de duas turmas de alfabetização em dois locais diferentes. O primeiro local foi em um projeto denominado “Crisálida” que é de alcance social, no qual a pesquisadora foi voluntária e pode perceber durante seis meses (um semestre) do ano de 2015 a realidade da escola pública de do município de Aparecida de Goiânia. Nesse local, haviam 10 crianças da faixa etária de cinco a nove anos e a maioria das crianças com conhecimentos precários de alfabetização e letramento, e alguns até analfabetos.

O segundo local foi na rede particular de ensino da região de Goiânia onde a pesquisadora ministrou aulas particulares por mais de quatro anos para crianças com extrema dificuldade em leitura e escrita. E o que pode ser constatado das duas realidades das duas cidades é que as dificuldades eram as mesmas, mas na rede pública, a quantidade de crianças era maior do que na particular.

A segunda etapa da pesquisa é caracterizada como bibliográfica, porque foi feita uma busca em vários autores sobre os métodos de alfabetização e sua aplicabilidade. Do método tradicional ao interativo, há um grande avanço nos estudos da alfabetização como será exposto na análise dos métodos.

Práticas docentes na alfabetização

Como já mencionado na justificativa, com experiência desde 2011 na alfabetização tanto na escola pública e como na particular, a autora já presenciou vários casos e contextos de analfabetismo de crianças e extrema dificuldade em aprendizado.

Crianças com nove anos que sabem ler, mas com nível de letramento abaixo do esperado também é bastante presente nas escolas em que a autora esteve presente. Há os mais diversos casos específicos de dificuldades. Alunos que não se adaptam a nenhum método

Há também alunos que conseguem ler as sílabas simples apenas a partir do meio o que faz com que ao final do ano não estejam alfabetizados, por não terem o conhecimento das sílabas complexas. E há também os casos que devem ser encaminhados para o auxílio de especialistas em psicopedagogia. Existem também aquelas crianças que devem ser encaminhadas para o reforço escolar, onde tem o atendimento específico em suas dificuldades.

No ano de 2014, houve um caso específico de uma aluna na rede particular que tinha dificuldades sérias em leitura e escrita. Ela não tinha a mesma faixa etária dos demais da turma, era mais velha da turma de alfabetização tinha 8 anos enquanto os demais tinham 7. A aluna apresentou dificuldades já no início do ano e foi encaminhada para reforço escolar que era oferecido pela escola no horário após a aula regular. A professora de reforço precisou encaminhar a aluna para psicopedagoga da escola, pois a aluna não conseguia ler se não fosse a leitura silabada. Durante quase todo o semestre a aluna continuou lendo silabado, apenas no final do ano e com ajuda e fonoaudiólogo

que a aluna foi para o segundo ano do ensino fundamental conseguindo ler com fluência.

O autor Luiz Carlos Cagliari, no livro *Afabetização & Linguística* defende que os problemas de evasão e repetição escolar se devem muito à má alfabetização que as crianças têm nas séries iniciais. O autor afirma que a escola se preocupa e dá muita ênfase aos “erros” ortográficos que a criança comete. Nessa perspectiva de pensamento, o ensino brasileiro tem falhado muito no que diz respeito a motivar os alunos a sempre progredirem. Porque a busca pela evasão da escola se dá por vários fatores dentre ele a desmotivação do aluno por sempre estar à margem do conhecimento idealizado. E a alfabetização é um bem compreensível e imprescindível para o indivíduo.

Análise dos métodos

Método Fônico

Antes do método fônico, havia o método alfabético que era o método mais antigo utilizado na Grécia e Roma. Não temos muitos registros de como era a metodologia do método alfabético, mas o que se sabe era que se utilizava o método de soletração das palavras até se chegar a ler a palavra toda. Tendo em vista a precariedade deste método, ele foi substituído pelo método fônico que por sua vez facilitava mais e o aluno conseguia fazer mais associações entre som e letra.

O método fônico faz referência aos termos *fone\fonema*, ou seja, diz respeito ao som; que nesse caso é o som da letra. Nessa metodologia o professor deve ensinar o aluno o som das vogais e posteriormente combiná-lo com o som das consoantes. Esse método tem várias implicações, porque nas sílabas denominadas sílabas simples ele funciona com bastante eficiência, mas já nas sílabas complexas ele já apresenta algumas falhas onde o aluno apresenta algumas dificuldades na hora de “juntar” as sílabas e seus sons.

Para compreender melhor o método, é preciso entender com mais propriedade o que são essas sílabas simples e sílabas complexas, que são diferentes da definição da fonologia.

Geralmente nas escolas onde o ensino de alfabetização é feito por cartilhas ou por fichas de leitura, durante todo o ano letivo a metodologia de ensinar a criança que está no primeiro ano da alfabetização é a partir do alfabeto. Geralmente divide-se o

ensino em sílabas simples e sílabas complexas, também no primeiro semestre do ano os alunos aprendem as sílabas simples e no segundo semestre do ano aprendem as sílabas complexas. As sílabas simples são aquelas simples onde não existem dificuldades pra ler, onde aparecem apenas as palavras mais fáceis, geralmente são vogal, por exemplo: oba, Edu etc, ou consoante + vogal como, por exemplo: lata \ gota. E assim o professor ensina todo o alfabeto até chegar a letra “Z”.

Já as sílabas complexas são ensinadas geralmente com a associação de algum objeto fazendo assim com que a criança abstraia melhor e consiga ler e escrever. Por exemplo, as primeiras dificuldades que são ensinadas são o “ge” e o “gi” e o “ce” e o “ci”, podem ser ensinados numa mesma com os objetos girassol, cebola, cigarra. É dessa forma que a criança vai fazendo as associações e conseguindo ler as outras palavras. As outras sílabas complexas como “ss”, “ch”, todas são associadas a nomes de outros objetos que tenham o mesmo som da letra da dificuldade e assim sucessivamente. Vale lembrar que essa metodologia é bastante utilizada em cartilha e ficha de leitura.

É desta forma que o método fônico trabalha com a repetição e também com a associação da letra com o som. Assim, quando finalizar o ano letivo o aluno estaria capacitado a sair do primeiro ano da alfabetização lendo e escrevendo. O que esse método propõe é partir do fonema de cada letra até chegar a palavra e depois chegar a frase. Isso quer dizer que parte de uma micro-estrutura para depois chegar a uma estrutura maior.

Método silábico

O método silábico também trabalha com o som das letras, mas de uma forma diferente do método fônico. Esse método já é considerado mais “evoluído” e utiliza a sílaba como principal referência e estrutura da palavra. É a partir da sílaba que se forma todas as palavras, tanto as sílabas simples quanto as complexas. Nesse método já não se trata mais de cada letra isoladamente como no método fônico, mas na junção de duas ou mais sílabas.

O ba-be-bi-bo-bu, passa a ser substituído pelo “b com a ba”, fazendo assim a possibilidade de se formar mais palavras, pois a partir das sílabas já prontas o aluno constrói outras palavras que forem possíveis.

Da mesma forma o aluno faz com as sílabas complexas, mas também esse método é falho neste aspecto, pelo fato de ser difícil o aluno compreender uma sílaba como “ar” ou “par”, como, por exemplo, a palavra parque, ou arco.

Nesse método também se aplica a metodologia áudio-visual, como também no método fônico, onde são lançadas imagens onde, por exemplo, se escreve “carro” e se coloca uma imagem de um carro ao lado. Isso faz com que a criança possa fazer a associação entre palavra e objeto e facilita muito da alfabetização infantil.

Método cartilha\ficha de leitura

As cartilhas foram utilizadas no Brasil durante muitos anos, desde as primeiras fases as crianças eram alfabetizadas por elas. Na atualidade, muitas escolas ainda utilizam este método, mas hoje as antigas cartilhas ganharam um novo nome: ficha de leitura. A metodologia dos dois são as mesmas, o que as difere são os termos (as palavras usadas) que estão escritos nelas. As antigas cartilhas tinham termos como: Ivo viu a uva. Hoje as fichas de leitura mais atualizadas têm termos como “O bebê babou”. O que diferencia os termos são os contextos históricos, as cartilhas geralmente distanciavam o público leitor dos termos que estavam inscritos nelas, já as fichas de leitura fazem a tentativa de aproximação com termos do dia a dia da criança. Muitas vezes uma criança marginalizada não tinha acesso a uma uva como vinha na cartilha.

Percebemos também que as fichas de leitura têm palavras atuais que não eram utilizadas nas cartilhas tais como “celular” e “tablet”. Mas a metodologia das duas é a mesma. Utiliza a repetição, a associação e o som das sílabas e letras para que o aluno decore e também para que aos poucos a leitura flua.

Hoje, temos métodos bastante atuais, como o psicolinguístico e o sociopsicolinguístico que deixaram as cartilhas para trás. E sem dúvida trouxeram resultados para as escolas, porque utilizam como base o texto e a interpretação textual. Mas as cartilhas também alfabetizaram centenas de brasileiros.

Nas cartilhas havia as lições de cada letra do alfabeto, as crianças aprendiam as sílabas e os fonemas e iam formando as palavras. O papel do professor era ensinar as lições aos alunos de forma bastante estrutural. Existem muitas críticas em relação a este método, porque subentende-se que o aluno decora todas as palavras e frases que estão na ficha ou cartilha. Também é muito criticada por ser considerada muito tradicional.

Método palavração

O método palavração foi o primeiro na tentativa de romper com os métodos formais (RIZZO, 1986 – p.23). Esse método tenta unir sílabas, letras e sons ou seja, é uma tentativa de melhorar o método fônico e silábico.

A proposta desta metodologia é simples. Trabalhar com a memória por meio de gravuras o nome das palavras. Esse método é bem mais simples e também sofreu muitas críticas por ser lenta a sua eficácia. Ele não é muito utilizado.

Método psicolinguístico

O autor que iniciou os estudos sobre esse método é Nelson Goodman (cf. Braggio, 1992), que considerava os “antigos” métodos que trabalhavam com apenas com o som da letra precários. Goodman (1992) defende que o leitor tem que trabalhar de forma ativa no processo de leitura e alfabetização. Segundo o autor o significado é de suma importância em todo processo de alfabetização. Em outras palavras, o método psicolinguístico tem uma grande tendência a elevar o nível da alfabetização para um outro patamar, para o nível do letramento.

No método psicolinguístico o foco é no texto, a palavra interação já é mencionada. Nesse momento já existe uma interação entre o texto e o leitor, a leitura passa a ser autônoma e contextualizada. Braggio (1992) afirma sobre o método psicolinguístico que:

Além, do mais, como afirma o próprio autor, seu modelo é passível de transformações. E é um cenário em que desponta uma postura diversa com relação à linguagem, homem e sociedade que seu modelo se redimensiona. (BRAGGIO, 1992, p. 26)

Esse método traz algo de novo, pois se distancia do tradicional e como afirmado acima, é um redimensionamento da maneira de alfabetizar. Como dito no começo do artigo, essa metodologia teve sua origem nos Estados Unidos e foi adaptada para algumas escolas brasileiras. Segue um quadro, em que se pode perceber de modo mais didático, o método e os papéis desempenhados, por professor e do aluno.

Quadro para melhor compreensão dos métodos

Método	Papel do Professor	Papel do aluno
Fônico	Ensinar ao aluno o som de cada letra.	Ser capaz de ir juntando o as sílabas em formando as palavras.
Silábico	Ensinar os sons das sílabas, dos encontros vocálicos de forma que o aluno consiga formar palavras através de todas as silabas simples e complexas.	Aprender com o ba-be-bi-bo-bu e, assim sucessivamente, com as outras sílabas simples e complexas.
Ficha de leitura\Cartilha	Ensinar o aluno as lições do alfabeto.	Conseguir aprender cada ficha ou cartilha e abstrair esse conhecimento para as outras palavras de seu dia a dia.
Palavração	Ajudar o aluno a memorizar os grupos de figuras.	Método de difícil aplicação.
Psicolinguístico	Papel de mediador.	Papel ativo do aluno. Leitura autônoma. Ser alfabetizado a partir de textos.

Uma reflexão sobre a aplicabilidade dos métodos

Sabemos que existem alguns problemas graves em nosso país em relação à formação de nossos professores. Se existe um grande número como foi mostrado nos dados dos IBGE (já citados no artigo) de jovens com níveis precários de letramento, é porque em algum momento o ensino dado a esse indivíduo não foi adequado. Por uma série de fatores. Nossos professores, que no Brasil, na rede pública de ensino pelos

baixos salários principalmente, não se sentem motivados a realizarem seu trabalho. Pelas condições de trabalho precárias que são obrigados a se submeterem. Há uma série de fatores que corroboram para que haja a culminância para que as crianças e jovens no final da sua escolarização não consigam ter o ensino devido.

Voltando aos métodos, que é o objeto de estudo deste artigo, a grande tendência de algumas escolas tradicionais é ir cada vez mais utilizando o método fônico e silábico através de fichas de leitura. Isso quer dizer que há uma tentativa de “progresso”, de deixar de utilizar as velhas e arcaicas cartilhas.

O fato é que na maioria das tentativas de se desvencilhar das cartilhas, fazem o sentido oposto, que é de se apropriar ainda mais das cartilhas. Mudam o nome do método, mas o tradicional está sempre lá arraigado e sendo muito utilizado. Durante muitos anos as cartilhas foram utilizadas, mas houve a necessidade de progredir os estudos sobre a alfabetização. As propostas do letramento foram surgindo e hoje já não se fala de alfabetização sem se falar de letramento. A escola brasileira não pode mais dar as costas para o letramento. Por isso os métodos acima referenciados não podem mais ficar apenas no nível da alfabetização, mesmo nas séries iniciais, pois mesmo o aluno de ensino fundamental tem contato com o mundo que o cerca em seu cotidiano e é capaz mesmo em seu nível, que ainda é básico de compreender o mundo ao seu redor.

Utilizar um método que envolva o nível do letramento não significa excluir o papel dos métodos de alfabetização que utilizam o som das letras. É preciso entender que em cada patamar da alfabetização os alunos estão, ou seja, no início da escolarização não é adequado que se cobre do aluno níveis profundos de conhecimentos de letramento.

No Brasil, a alfabetização é proposta para ser trabalhada nas três primeiras séries do ensino fundamental um, que são, respectivamente, primeiro, segundo e terceiro ano (no agrupamento de seis anos). O ideal seria que apenas no primeiro ano, os métodos iniciais (fônico e silábico) de alfabetização fossem trabalhados, e já nas etapas seguintes de escolarização, outros textos mais contextualizados fossem trabalhados com os alunos. Fugindo um pouco do tradicional método estanque e rígido, e remodelando as fichas de leitura para textos com personagens e histórias contextualizadas. Levando assim para o nível do letramento.

A proposta do método psicolinguístico é inovadora, porque justamente trabalha o que foi dito anteriormente, ou seja, o que “o foco deste método é no leitor para o texto”

(BRAGGIO, p.25, 1992). O processo de interação também é visto de forma ativa entre leitor e texto. O texto não é visto apenas como um código.

Desta forma, o aluno não passa apenas a repetir o som de uma sílaba, ou decorar uma ficha de leitura. O aluno passa, agora de maneira ativa, a compreender textos contextualizados e fazer associações entre as diversas realidades do mundo que o cerca. O que faz com que mesmo nas séries iniciais o aluno possa desenvolver mesmo que ainda basicamente as primeiras propostas do letramento.

O que queremos deixar claro, neste artigo é que o professor deve optar pela metodologia que achar adequada para a turma, o objetivo deste estudo é justamente auxiliá-lo na escolha do método. Visto que as crianças devem sair do ensino básico com pelo menos níveis consideráveis de compreensão textual.

O ideal é realizar a alfabetização na idade correta, assim como propõe o Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa, que prevê as etapas da escolarização das crianças concluídas com os conhecimentos de alfabetização e de matemática básicos e fundamentais até o terceiro ano do ensino fundamental.

Considerações finais

Finalizamos este artigo com a intenção de contribuir principalmente para professores do ensino fundamental e de alfabetização. Sabemos que a discussão sobre o tema “alfabetização” não se encerra aqui, pois esse tema é complexo e extenso, pois envolve outros temas que pela extensão do artigo não foi possível tratá-los.

A alfabetização envolve outras temáticas, como por exemplo, o uso da tecnologia e da cultura a favor da metodologia, pois estes recursos quando bem utilizados nas aulas e nos contextos escolares dão resultados muito positivos. Também há um grande problema que pode ser discutido que é a formação de professor, quando nos referimos a este tema estamos querendo remeter ao sujeito professor inserido em um contexto escolar envolvido em uma série de fatores intrínsecos na escola que interferem no trabalho desenvolvido que influencia no resultado final do aprendizado do aluno. E também na formação acadêmica e continuada de qualidade que está sendo dedicada ao profissional em educação. E na alfabetização isso também se dá. Em outras palavras, há muitas formas de se problematizar e fazer discussões e apontamentos em relação ao analfabetismo no Brasil.

Esperamos ter contribuído e instigado o leitor e levar a reflexão do papel da metodologia da alfabetização no ensino aprendizado e suas implicações. Como já foi mencionado no artigo, há bastantes publicações sobre o tema “alfabetização”, o que propomos neste artigo foi a discussão e problematização dos métodos e da realidade brasileira que infelizmente corrobora para índices graves de analfabetismo absoluto e funcional.

Referências

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. *Leitura e Alfabetização: da concepção maecanista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAGLIARI, Carlos Luiz. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione, 1995.

MORTATTI, M. R. L. *História dos métodos de Alfabetização no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2006. Disponível em : <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/07/brasil-tem-13-milhoes-de-analfabetos.html>> Acesso em 02\10\2015

PINHEIRO, RAFAEL. *Analfabetismo Funcional: Uma Realidade Brasileira*. Disponível em < <http://direcionalescolas.com.br/2015/03/03/analfabetismo-funcional-uma-realidade-brasileira/>> Acesso em 30\12\2015
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf

RIZZO, Gilda. *Os diversos Métodos de Ensino da Leitura e da Escrita: Estudo comparativo*. Rio de Janeiro: Papeleria América Editora, 1986.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

Acesso em 12\10\2015.

<<http://pacto.mec.gov.br/2-uncategorised/53-entendimento-o-pacto>> Acesso em 27\12\2015